

De planos e esperanças

WALTER FONTOURA

O plano de estabilização econômica do Governo, digamos logo, é digno da mais séria consideração por parte de todos os brasileiros. Quase não há economista que não assegure que a inflação vai mesmo baixar, ao menos por alguns meses, e que, a depender da execução, seus efeitos podem perdurar além da posse do novo Governo.

Neste cenário — isto é, no cenário de êxito do plano — Fernando Henrique Cardoso deve beneficiar-se eleitoralmente, tirando, ao seu mais provável adversário nas urnas, a única possibilidade de vitória — que é a possibilidade de vencer a eleição no primeiro turno.

Claro, numa campanha há sempre imponderáveis, e os candidatos devem policiar-se para não dizer o que não devem. Difícil saber o que não se deve dizer.

Mas Mário Covas não precisava hostilizar o senador Sarney. Lula não deveria dizer que não cumpre lei injusta. Fernando Henrique não tinha que dizer que é mulato: na África do Sul, ele é **non-white**, como aliás grande parte dos brasileiros. Em todo caso, a permanecerem como estão as coisas, as pesquisas hoje existentes indicam crescente polarização entre Fernando Henrique e Lula, embora não se veja, ainda, com clareza, como evoluirá a candidatura Orestes Quércia, reconhecidamente sagaz e habilidoso.

Em todo caso, o plano de estabilização econômica, que nos vem sendo administrado homeopaticamente, é importante personagem de todo este jogo. E não deixa de ser ligeiramente perturbador verificar que, apesar de dividir opiniões, o plano não foi lido por quase ninguém. Como um desses grandes livros — o “Ulysses”, ou a “Divina comédia”, mais ou menos — há quem ache muito bom, ou muito ruim,

mas poucos leram. Um grande empresário, interpelado sobre se tinha lido e entendido o plano, respondeu que ler, não tinha lido. Mas que o que não estava entendendo mesmo era o Simonson: “Pelos jornais, dá a impressão de ser favorável. Em particular, é ultracético.” Outro, disse que também não leu. “Mas ouvi o Cláudio Haddad, que não conheço pessoalmente, mas respeito muito, dizer na televisão que a concepção é muito boa.” Jornalista famoso, igualmente interpelado, resolveu debochar: “Ora, esse plano aí, nem o Fernando Henrique leu.” Já os que se manifestam abertamente contrários, também não conseguem justificar, de modo racional, a sua posição. Alegam que é “estelionato eleitoral”, que a inflação cairá, num primeiro momento, mas que, ao fim da apuração do resultado das urnas, estará aí novamente.

Curioso fenômeno, curioso e, em certos casos, comovente. O homem simples das ruas discute e sonha com o plano, sem saber

direito o que é. E os menos simples também. Faz lembrar experiência de escritório de consultoria, ao tempo em que se debatia acesamente a construção da Ferrovia Norte-Sul. Em meio à celeuma sobre aquela iniciativa do Governo, mandou-se fazer uma pesquisa. Primeira pergunta: Você é a favor ou contra a construção da Ferrovia Norte-Sul? Resposta: 93%, contra. Sete por cento, sem opinião. Segunda pergunta: Você sabe onde fica a Ferrovia Norte-Sul? Resposta: 83%, não. Dezessete por cento, respostas variadas (e só 40%, dos 17%, sabiam). Terceira pergunta: Que é que vai ser transportado pela Ferrovia Norte-Sul? Resposta: 100%: não tenho a menor idéia.

Esperemos que as artimanhas da política não frustrem as esperanças dos que acreditam na viabilidade e no êxito do plano. Mesmo não tendo a mínima idéia do que ele significa.